

**‘ADVERTÊNCIA NECESSÁRIA’: UM ENCONTRO COM O RELATO  
IDENTITÁRIO DE LEOLINDA DALTRO \***

Paulete Maria Cunha dos Santos

Doutoranda na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Resumo:

O presente artigo busca analisar a obra *Início do Feminismo no Brasil* (1918) – primeira parte – da educadora baiana Leolinda Daltro (1859-1935), residente no Rio de Janeiro. A obra constitui o registro do relato de suas memórias, as quais a autora provavelmente pretendia dar continuidade. Situaremos aqui como questão central a memória individual entendida como uma das práticas culturais dos registros de uma “produção de si”, que adquire significados específicos a partir da constituição do indivíduo moderno. Chama a atenção do historiador à ambiguidade peculiar que caracteriza a proposta da protagonista em foco, pois a obra pretende subsidiar em poucas páginas a história do feminismo no Brasil e, ao mesmo tempo, tratar do relato de sua trajetória individual enquanto educadora, indianista e feminista. Pode-se presumir que Leolinda, natural da Bahia, mas já identificada com o cotidiano da sociedade fluminense, sentiu, pensou e viveu experiências simultâneas, que a colocaram em tempo e espaço múltiplos entre o expirar do Império e o advento da República, na passagem do século XIX para o XX.

Palavras-chave: Leolinda Daltro; Relato de si; Identidade para si

Abstract:

The present article aim to discuss the relate *Início do Feminismo no Brasil* (1918), that is the first part of a work that Leolinda Daltro (1859-1935) intended to continue. We will situate here the individual memory with ramifications for the history understood as one of those cultural practices from records of a "self-production", which acquires specific meanings from the constitution of the modern individual. Draws attention to the historian peculiar ambiguity that characterizes her proposal, as it is the relate of her individual journey, while at the same time that intend to subsidize in a few pages the brazilian feminism history. Presumably that Leolinda, born at Bahia, but now identified with the everyday fluminense society, felt, thought and lived simultaneous experiences,

that put in time and multiple spaces between the expiry of the Empire and the advent of the Republic, in the passage of XIX to the XX century.

Keywords: Leolinda Daltro; Relate itself; Identity for itself.

Um movimento na historiografia nacional e internacional iniciado nas últimas décadas do século XX tem adensado o debate e a produção acadêmica sobre a escrita de si ou escrita auto-referencial, que propõe ao historiador outro espaço de investigação histórica, a saber, o espaço do privado, que permite os estudos sobre os indivíduos comuns, as mulheres, enfim, que remete a experiências do indivíduo que é único em relação aos demais e ao mesmo tempo múltiplo no que se refere aos seus papéis sociais. A proposição metodológica é oferecida por Angela de Castro Gomes, que também nos adverte sobre os cuidados na análise da escrita de si, pois apesar de ter sido sempre usada como fonte, apenas recentemente também se tornou “objeto da pesquisa histórica”.<sup>1</sup> Nessa perspectiva, e consciente dos riscos do historiador ao se deparar com tal documentação, situaremos aqui como questão norteadora a memória individual entendida como uma das práticas culturais dos registros de uma “produção de si”, que adquire significados específicos a partir da constituição do indivíduo moderno<sup>2</sup>.

Iniciamos falando um pouco sobre as relações da autora com seu texto, o que significa a prática da construção de uma identidade para si registrada em seu relato. Leolinda Daltro é autora do livro *Início do Feminismo no Brasil. Subsídios para a História*<sup>3</sup>. Embora editado somente em agosto de 1918, o conteúdo do opúsculo se constitui no traslado da ata da sessão de fundação da ‘Junta Feminil Pro-Hermes-Wenceslau’, que transcorreu em dezembro de 1909. A autora apresenta-se, já na capa do livro, como professora pública jubilada, fundadora e diretora da Escola de Ciências, Artes e Profissões Orsina da Fonseca. Logo após, no que poderia ser considerada uma folha de rosto, encimada por sua foto e, também, por sua assinatura, encontramos um breve currículo sobre os cargos e funções que exerceu como educadora, indianista e feminista<sup>4</sup>, incluindo o de redatora de três jornais de sua propriedade. De acordo com a pesquisa de Elaine Rocha (2002) – um extenso estudo biográfico – Leolinda nasceu em 1859, em Najé, no Recôncavo Baiano, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1935, em consequência de um atropelamento em uma das principais ruas da capital.

Seguindo os traços do relato delineado por sua autora, o leitor depara-se com a ‘*Advertencia necessaria*’<sup>5</sup>, o que equivaleria a um prólogo, o título é similar ao de sua obra posteriormente editada, *Da catechese dos indios no Brasil*, onde se encontra a ‘*Explicação necessaria*’. No prólogo, ‘*Advertencia...*’, ela apresenta o seu livro como um opúsculo que trata do início da vitória da emancipação feminina brasileira ‘com um partido organizado’. O livro, de poucas páginas, constitui a primeira parte de uma obra máxima que ela se propõe a escrever, abordando o início do feminismo no Brasil. Cabe ao historiador reconhecer as ambiguidades peculiares à sua proposta, pois pretende subsidiar em poucas páginas a história do feminismo no Brasil ao mesmo tempo em que propõe tratar de sua trajetória individual.

Em sua proposta pode-se presumir que Leolinda apresentaria documentos incontestáveis, como ela mesma afirma, ainda no prólogo: “[...] para que de futuro esteja nesta obra a fonte segura dessa evolução social, moral e politica de nossa nacionalidade.” Nos chama a atenção a especificidade do tema anunciado, pois uma obra com o fim de subsidiar a história do feminismo brasileiro sinaliza outra pretensão, isto é, a de relocar os ideais do feminismo para a pauta de discussões do desenvolvimento social, moral e político da nacionalidade brasileira. Embora, em seu opúsculo figure a mulher integrada à família – concepção do papel tradicional feminino naquele momento – Leolinda iniciava um longo percurso na luta pela emancipação política da mulher.

Ao folhear as páginas seguintes, percebemos a comunicação que a autora estabelece consigo mesma e com os outros. Observemos a justificativa inicial de Leolinda: “[...] sessão essa que encerra um problema de alta importância para nós mulheres [...]”<sup>6</sup>, entretanto, no decorrer da reunião, estrategicamente, entraria em votação o apoio ao candidato gaúcho e militar Hermes da Fonseca, que concorria com o baiano e civilista Rui Barbosa à campanha presidencial de 1910, na qual Hermes seria o eleito.<sup>7</sup>

### **‘Carta circular’**

Partindo de uma retrospectiva da reunião, Leolinda redige uma “carta circular” às senhoras brasileiras residentes no distrito federal convidando-as para a sessão a realizar-se nos próximos oito dias: “[...] para divulgação e pratica dos ideaes feministas de reforma social, appélo para o vosso apoio e collaboração valiosa na grande e generosa causa da emancipação do nosso sexo.”<sup>8</sup> Enfim, na noite de vinte e três de dezembro de 1909, comparecem na Praça Tiradentes, nº 77, centro do Rio de Janeiro, vinte e cinco

mulheres. Dentre elas, encontravam-se suas duas filhas Alcina de [Figueiredo] Siqueira Amazonas e Aurea Castilho Daltro, respectivamente do seu primeiro e segundo casamento, e sua nora Maria Antonietta M. de Figueiredo (casada com seu filho do primeiro casamento, Alfredo Napoleão de Figueiredo). Leolinda é aclamada e instada a dirigir a sessão. Agradecendo às presentes, lamenta que o seu apelo não tivesse sido atendido por um maior número de senhoras, fato que demonstrava “[...] o pouco interesse que as questões feministas despertam, ainda, na mulher brasileira.”<sup>9</sup>

O objetivo da reunião justificava-se “[...] para aquelas que, em vez de se preocuparem com as soluções ephemerias de um acanhado egoísmo, se collocam no ponto de vista nobre e elevado dos interesses futuros da humanidade!..”<sup>10</sup> Parece-nos que Leolinda, considerando a ‘carta circular’ e o conteúdo inicial do seu livro, vale-se de um discurso que deseja sensibilizar as mulheres que se fizeram presentes na reunião, não somente para a nobre causa da emancipação feminina, mas também para as reformas sociais que brotariam da organização e divulgação – de ideais e práticas – feministas, as quais, em certa medida, contribuiriam no processo de evolução da humanidade. Provavelmente, sua atitude decorra de sua trajetória de vida. Esta proposição nos permite uma intersecção com os princípios metodológicos da microanálise, pois propõe um duplo movimento, isto é, nos determos sobre o que significa a escolha de escala reduzida de observação e, simultaneamente, investigarmos a rede das relações em que o indivíduo se articula em uma determinada sociedade.<sup>11</sup> Afinal, Leolinda era uma mulher que se situava nos setores médios, exercia o cargo de professora, e entre a prática do magistério e a atuação em associações, instituições e congressos, foi provedora de cinco filhos, frutos de dois matrimônios<sup>12</sup>. Apesar de não optarmos por uma história das mulheres, enquanto proposta metodológica para dar conta do nosso objeto, entendemos que as experiências e as formas de registro da memória de Leolinda estão conectadas à sua condição e ao seu lugar na família e na sociedade.<sup>13</sup>

Leolinda refere-se à Assembleia feminina como “A PRIMEIRA DE QUE HA EXEMPLO EM NOSSO PAIZ” [grifo no original].<sup>14</sup> Por isso, fará exposição de seus projetos e ideais, com o intuito de que deles compartilhassem “as minhas dignas conterrâneas!..” Pode-se presumir que Leolinda, natural da Bahia, região do Recôncavo Baiano, entretanto, residindo há duas décadas no Rio de Janeiro, se sentisse já identificada com o cotidiano da sociedade fluminense. Cotidiano que esboçava um desenho sempre incompleto de uma cidade-capital em ritmo alucinante de transformação e de incerteza

política da conjuntura dos anos finais do Império<sup>15</sup> e das primeiras décadas da República.

Abrimos nesse instante um parêntese para oferecer outra possibilidade de leitura das palavras de Leolinda sobre a primeira Assembleia feminina no país. Na interpretação de Elaine Rocha (2002), a publicação do livro em [agosto de] 1918, teria sido motivada pela criação, por Bertha Lutz junto com outras colaboradoras, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que também estava empenhada na luta pelo voto feminino. Contudo, outras fontes indicam que a paulista Bertha Maria Júlia Lutz retornou ao Brasil, de seus estudos na Europa, somente no final de 1918, quando, então, publicou na *Revista da Semana*, a 14 de dezembro do mesmo ano, uma matéria intitulada “Somos filhos de tais mulheres”.<sup>16</sup> É plausível supor que Leolinda, já contando, então, com cinquenta anos de idade, e tendo atuado como editora de jornais (como mencionado em seu currículo) e, certamente, sendo leitora assídua de periódicos, tenha tomado conhecimento de que outra geração de mulheres – mais jovens – também estava se mobilizando para a conquista do sufrágio feminino. Considerando, ainda, a hipótese de que Leolinda tenha acrescentado à ata a informação – “a primeira” – ao publicar o livro oito anos depois, pode-se arguir que ela estaria emitindo seu ponto de vista sobre a assembleia feminina<sup>17</sup> como autora do documento. Dando continuidade à sessão, Leolinda declara que fará uma longa exposição sobre sua pessoa, e justifica às participantes que tal procedimento se fazia indispensável para que compreendessem

“[...] a necessidade urgente de se estabelecer uma UNIÃO entre as senhoras brasileiras, destinada a facilitar-lhes O AMPARO MUTUO e crear um nucleo de resistencia contra a surda campanha das tendencias rotineiras que nos pretendem conservar em plano inferior na ordem publica e nos destinos da nossa especie!..” [grifo no original]<sup>18</sup>

Leolinda possivelmente aspirava a uma sociedade em que homens e mulheres pudessem contribuir para *a ordem e o progresso* e que dariam o tom da identidade de uma nova nação republicana<sup>19</sup>. Por isso, se tornava imperativo romper com hábitos e valores comportamentais arraigados, o que poderia se traduzir em seu desejo de constituir a união e o amparo mútuo entre as mulheres brasileiras, sendo necessário para alcançar tal meta estabelecer ações que as colocariam em um nível de equidade na ordem pública.

O tom empregado por Leolinda para atrair a atenção das participantes da Assembleia parece denotar que seu maior objetivo era envolvê-las em uma luta que extrapolava o direito de emancipação da mulher, na medida em que ela pregava: “[...] assistamos ao início de uma nova era de PAZ, DE TRABALHO, PROGRESSO E DE CIVILIZAÇÃO para a Pátria Brasileira!” [grifo no original]<sup>20</sup> Por esse viés, Leolinda enfatiza a criação de um núcleo de resistência, que libertasse a mulher de sua condição social, cultural e, até mesmo, jurídica, diante de uma legislação que impedia que a mulher votasse e fosse votada.

### **Ideais que fazem parte de ‘meu eu’**

Angela de Castro Gomes produziu um texto elucidativo sobre a escrita de si e sobre a constituição de uma memória de si, enquanto práticas que permitiram ao indivíduo moderno constituir uma identidade para si através de seus documentos. Nessa perspectiva, a “chave para o entendimento dessas práticas culturais” é a importância histórica que passa a ser conferida a vida individual nas sociedades ocidentais.

Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si.<sup>21</sup>

Sua proposição metodológica nos parece adequada para a análise que pretendemos fazer, pois utilizamos a escrita auto-referencial de Leolinda como fonte. Ao analisarmos o seu relato, percebemos o delinear de uma pluralidade de objetivos, na medida em que, além de construir e legitimar uma identidade para si, ela procura fazer com que as mulheres entendam as razões que motivaram a reunião. Ao iniciar sua fala, Leolinda diz que seu nome não é desconhecido da maioria das presentes, não apenas por sua popularidade,

[...] mas pelo simples motivo de me haver adeantado às mulheres do meu tempo, rompendo, sem rebuços nem hipocrisia, com os hábitos que, infelizmente, caracterizam, ainda, as pessoas do meu sexo, impelida por ideias que venho alimentando desde a mais tenra idade e que fazem parte integrante de

meu eu, ideias cuja importância se me apresenta pela necessidade do progresso e da civilização da Pátria!<sup>22</sup>

As palavras da autora nos levam a crer que depositava imensa expectativa em uma organização feminina de fato como uma das vias principais para a construção do progresso e da civilização brasileira. Talvez, nessa evocação, possa se perceber o eco de suas palavras, ao pronunciar que se considera uma mulher ‘adeantada’ ao seu tempo. Por isso, estava disposta a promover empreitadas desafiantes diante do poder público, para que ele concedesse às brasileiras o direito de participar ativamente dos destinos de sua pátria. Em outras palavras, Leolinda muito provavelmente entendeu que o êxito da transformação da nação, que se proclamava moderna, e do futuro da humanidade estava diretamente conectado ao movimento pela emancipação da mulher. Ou quem sabe de um Brasil mais feminino?

Por essa perspectiva, a postura de Leolinda talvez tenha precedido os rumos que o movimento feminista assumiu a partir da segunda metade do século XX. A luta pela conquista de igualdades jurídicas (Constituição, Código Civil, Leis Trabalhistas) caracterizou a primeira metade do século, contudo, ainda mantinha o papel tradicional da mulher, embora admitisse sua participação no universo extradoméstico. Enquanto o movimento produzido nos anos de 1960 ultrapassava o âmbito jurídico, e libertava a mulher de sua vocação doméstica condicionada aos padrões culturais constituídos<sup>23</sup>. Pode-se admitir que em certa medida ambas as fases interagiram com os rumos do movimento feminista internacional. Parece um pouco óbvio afirmar que as estratégias das organizações feministas foram registradas na literatura que trata sobre feminismo no Brasil. Vale acrescentar, que optamos por orientar o contexto do movimento feminista no Brasil pela publicação da Fundação Carlos Chagas, primeiro volume, porque está fundamentada por extensa pesquisa interinstitucional e multidisciplinar envolvendo diversos especialistas e colaboradores, o que resultou em um trabalho pioneiro de referências bibliográficas e documentais para os estudiosos que procuram analisar o cotidiano da sociedade brasileira no final do século XIX e início do XX.

Diante do exposto, parece-nos que o argumento de Leolinda, ao enquadrar a emancipação da mulher ao processo de desenvolvimento global da humanidade antecede os rumos que teria tomado o feminismo no Brasil, a partir da década de 1960. Resta-nos perguntar: a nossa protagonista rompeu com o mundo doméstico? Certamente, na medida em que sua obra *Da catechese dos índios no Brasil* parece comprovar o seu pionei-

rismo, ao propor um projeto laico de educação indígena, a ser implementado no norte de Goiás, no final do século XIX.

### **Uma *brilhante* ‘fé de officio’**

Como já referimos, o livro que contém o relato de Leolinda é editado quase nove anos após a realização da reunião que descrevemos no tópico anterior. Ao aventarmos a possibilidade de que essa narrativa corresponda ao traslado da ata da sessão de fundação da ‘Junta Feminil’, estamos concordando com Michael Pollak, que afirma que os sujeitos organizam suas memórias, de acordo com as questões que estão postas em seu presente, elegendo, reconstituindo o vivido em ambientes reais na operação da reconstrução de si. Ou seja, “[...] a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.”<sup>24</sup> Enfim, a proposição de Pollak indica uma estreita ligação entre memória e o sentimento de identidade social.

Por essa orientação metodológica pode-se inquirir não só sobre a representação de si, mas também sobre a forma como Leolinda pretendia ser percebida pelos outros. Nessa perspectiva, Leolinda faz o exercício de rememoração e ordenamento do relato com o intuito de evidenciar os múltiplos papéis sociais, que constituíram os diferentes tempos (ou as temporalidades) de uma individualidade também múltipla. Assim, inicia seu relato sobre sua atuação como educadora. Conta que foi nomeada professora catedrática<sup>25</sup> no final do Império<sup>26</sup>, e logo postulou sobre a renovação de um programa não limitado ao ensino da leitura, escrita, gramática e as quatro operações básicas da aritmética. Por essa razão, inaugurou o ensino de Artes e Profissões que se somava ao programa oficial, o que proporcionaria, em suas palavras, “[...] aptidões necessárias afim de que, ao sahirem da escola, pudessem obter, com o trabalho, os meios de subsistencia.”<sup>27</sup> Leolinda diplomou-se pela Escola da Bahia e, provavelmente, com habilitação em um número menor de disciplinas daquelas ministradas na Escola Normal do Distrito Federal.

No entanto, sua formação não a impediu de por em prática um currículo que incrementasse o ensino primário, já defasado em uma sociedade que se pretendia moderna e que vivia o ritmo acelerado das transformações (urbanização, industrialização, migração), em consonância com as necessidades dos segmentos mais desprovidos da população da cidade do Rio de Janeiro. Notável por sua criatividade, o programa executado



por Leolinda previa o ensino de artes e profissões na formação dos alunos, para que, ao se diplomarem estivessem aptos a exercer um ofício que os integrassem no mercado de trabalho. Esta proposta estava pensada para uma cidade como a do Rio de Janeiro, na qual uma massa de indivíduos estava paulatinamente sendo liberada do regime escravagista e disputava ofertas de trabalho com os imigrantes (nacionais e estrangeiros) que chegavam à capital federal.

Para comprovar suas ações avançadas no magistério público, Leolinda diz ter promovido as duas primeiras exposições pedagógicas, ainda no Império, que teriam ocorrido no Paço da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. A iniciativa mereceu menções de entusiasmo e o louvor dos vereadores que, segundo ela, foram registrados no livro de visitas da escola<sup>28</sup>. Leolinda conta, ainda, que quando se achava lecionando na Escola Mista de Santa Isabel, no Matadouro de Santa Cruz<sup>29</sup>, recebeu a visita da Princesa Isabel e do Conde D’Eu, acompanhados do diretor do Matadouro. Leolinda narra que os honrosos visitantes assistiram às aulas de artes e profissões e aos exercícios de ginástica, sendo suas impressões tão favoráveis que mereceram ser registradas na ‘pagina de honra’ de um livro criado para esse fim específico.

Em relação à utilização da “escrita de si” como fonte, Angela de Castro Gomes destaca algumas precauções teórico-metodológicas. “O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.”<sup>30</sup> Na narrativa de Leolinda, esta “escrita de si” precisa ser exteriorizada e compartilhada com as mulheres que participam da Assembleia, no momento em que decisões cruciais precisavam ser tomadas em prol de uma causa maior, isto é, a união das mulheres em busca da emancipação moral e política feminina.

No seu relato, é recorrente a importância e o significado dados ao cumprimento de sua ‘missão’ no magistério, pois todo incentivo, estímulo ou elogio que recebia era uma oportunidade para aprimorar e ampliar o programa do ensino primário com seus alunos, como por exemplo, levando-os a passeios campestres para aprender a amar a natureza, também a museus, exposições, até célebres funerais e, especialmente, incorporando-os às festas nacionais “[...] aproveitando todos os momentos oportunos para variadas preleções com o fim de lhes educar a alma para o bello e para o bem [...]”<sup>31</sup> Contudo, a atuação de Leolinda, que havia migrado da Bahia, nos sugere que ela pretendia, para além de sua missão e ‘fé de officio’<sup>32</sup>, ser, de fato, reconhecida na vida pública.

Isto fica evidenciado na menção que Leolinda faz à participação de sua escola – com ‘brilhante papel’ – na inauguração da estátua do general Manuel Luís Osório<sup>33</sup>, a qual teria sido divulgada, dois dias após o acontecimento, nas páginas do *Jornal do Commercio*, em 14 de novembro de 1894, com o objetivo de reparar as omissões cometidas por outros jornais, ao descreverem a solenidade de inauguração:

Assim devemos lembrar a 1ª escola do sexo feminino do 7º districto, que funciona na “Praia Pequena”, cuja professora, apesar da distancia e do máo tempo, apresentou-se com as suas alumnas, muito bem vestidas, todas de branco, com faixas verdes e amarellas. Em frente a estatua produziu o maior entusiasmo, sendo abraçado, beijado e carregado o menino Plinio de Moraes, de 6 para 7 annos, que proferio uma allocução com um sentimento admiravel em tão tenra idade. [...] Foi uma das mais bellas scenas da solemndade, essa a que assistiu a multidão que cercava a estatua fazendo alguma justiça aos esforços da digna professora.<sup>34</sup>

### **De catequista à feminista**

Dois anos depois, uma guinada surpreendente, para dizer o mínimo, mudaria a vida da professora Leolinda de Figueiredo Daltro. As lições de educação cívica e patriotismo vivenciadas pela professora e seus alunos do ensino primário, que tinham como palco principal as ‘festas nacionaes’ na cidade do Rio de Janeiro, vão transferir-se literalmente para o norte de Goiás, atual Estado do Tocantins, na região entre os rios Araguaia e Tocantins.

Período da trajetória de Leolinda, que pode ser percebido como *excepcional*, na acepção dada ao termo por Angela de Castro Gomes (2004) para enfatizar que a “escrita de si” constitui-se, também, em um “lugar de memória” – conceito empregado por Pierre Nora –, pois certos momentos e circunstâncias da história individual ou de um grupo, ao serem lembrados podem vir a ser percebidos como *excepcionais*, como por exemplo, viagens, estadias de estudo e trabalho, dentre outras experiências. Apropriamos-nos dessa perspectiva para entendermos a viagem que Leolinda realizou, sem qualquer apoio do Estado ou da Igreja, aos sertões do norte de Goiás (1897-1900), com o objetivo de ministrar a ‘catechese leiga’ aos indígenas. Ao retornar, Leolinda enfrentou a rejeição dos sucessivos governos (até 1910) para a nomeação do cargo de ‘Missionaria Civilisadora dos Indios de Goyaz’<sup>35</sup> que pleiteava. Apesar de não exigir qualquer remuneração, Leolinda não conseguiu ser nomeada, e, segundo sua avaliação, por causa de seu

sexo. Todos esses reveses, certamente, acirraram ainda mais o seu caráter arrojado e desprendido, acionado durante mais de uma década de lutas pela causa indígena, levando-a a encetar outro projeto, o de reivindicar os direitos femininos no Brasil.

Percebemos no relato de Leolinda uma “escrita de si” que institui também um “lugar de memória” na operação da construção do “eu”, pois busca registrar a pluralidade de ações em sua trajetória, ao mesmo tempo em que reivindica uma identidade singular no interior dos grupos a que pertence. Assim, a autora de *Historia do Feminismo no Brazil* materializa uma das práticas culturais dos registros de uma “produção de si”. A análise de Rebeca Gontijo (2005) soma-se à de Angela de Castro Gomes (2004), auxiliando-nos no entendimento da dinâmica dessa prática: “[...] escrever sobre si mesmo é construir-se e transformar-se. Um exercício que busca o efeito de verdade, com o objetivo de convencer aquele que escreve e aquele que lê, de que aquilo que está escrito não possui a intenção de enganar ou dissimular.”<sup>36</sup>

Na constituição da “produção do eu”, possivelmente este é o momento presente apropriado para Leolinda, ou seja, a realização da Assembleia feminina permitirá não apenas a evocação e a materialização de lembranças do passado, mas também a projeção e a execução de seus ideais de emancipação política da mulher. Nas palavras da autora:

Minhas Senhoras! – O convite que vos dirigi, para que viesseis tomar parte nesta reunião, longe de ter um cunho político e partidário, destina-se a fins mais duradouros, elevados. Tenho em vista a propaganda, corôada pela vitória de uma causa de grande futuro e utilidade para todas as mulheres brasileiras. A questão política, que ora se agita, servirá, talvez, para ensaiarmos o primeiro passo na estrada que nos levará á nossa independencia futura!<sup>37</sup>

### **Palavras finais – um partido organizado**

Ao final da leitura do texto *Inicio do Feminismo no Brazil*, o leitor pode avaliar o quanto a noite do dia vinte e três de dezembro foi importante para as mulheres presentes à reunião que se encerrou somente às onze horas e vinte minutos. O encontro foi extremamente decisivo e propositivo, se considerarmos o teor das principais deliberações aprovadas na Assembleia. A primeira delas foi a aprovação da fundação de um ‘Club’, denominado provisoriamente, ‘Junta Feminil Pro-Hermes-Wenceslau’, sociedade com o objetivo de realizar a ‘propaganda’ dos ideais feministas “[tal como as sociedades] já vencedoras em alguns paizes”<sup>38</sup>; a segunda, foi o apoio à campanha presidencial do mi-

litar Hermes da Fonseca<sup>39</sup>; sendo que a última deliberação, votada e aprovada por unanimidade, foi a de se difundir listas pedindo adesão aos ideais do ‘Club’. Cabe aqui ressaltar que o texto faz referências ao movimento feminista internacional, através da menção a notícias que chegavam do ‘Velho Mundo’ sobre a propaganda feminista e as vitórias significativas da ‘America do Norte’.

Naquela extenuante noite do verão carioca, na antevéspera das festas natalinas, uma sala de frente do segundo andar, na Praça Tiradentes seria palco de um projeto mais amplo e audacioso do sexo feminino, concretizado precisamente um ano depois. Qual seria o projeto bem sucedido? Acreditamos que Leolinda estava convencida, já naquela ocasião, da necessidade de promover a criação de ‘um partido organizado’, que viria a se concretizar na fundação do Partido Republicano Feminino<sup>40</sup> em dezembro de 1910, do qual Leolinda viria a ser a primeira presidente. A coesão e união anunciada por Leolinda na Assembleia parecem ter tido desdobramentos, pois algumas das mulheres que estiveram presentes à reunião tomariam parte na direção do Partido. Mulheres que, como Leolinda, procuravam provar por ‘actos e factos’, junto aos poderes constituídos, “a nossa capacidade moral, intellectual e politica!” Não seria demasiado concluir que a luta dessas mulheres representava a ampliação das reivindicações de suas antecessoras, que já em meados do século XIX haviam defendido e reivindicado a emancipação feminina no Brasil.

Leolinda sentiu, pensou e viveu experiências simultâneas, que constituíram os diferentes tempos (ou as temporalidades) de sua individualidade também múltipla, entre o expirar do Império e a instauração da República, quer como educadora, indianista ou feminista. Entende-se aqui suas experiências simultâneas, enquanto uma mãe extremosa, que proveu uma família de cinco filhos: Alcina, Alfredo, Oscar, Leobino e Aurea. Somente esta condição já a colocaria certamente em uma posição singular diante de outras mulheres dos setores médios do seu tempo. A sua “fé de ofício” como educadora e inovadora de posturas pedagógicas em escolas públicas municipais que lecionou na cidade do Rio de Janeiro não foi suficiente para delinear sua trajetória de vida. Seu próprio caráter arrojado e temerário a levaram a acompanhar um grupo da etnia Xerente da capital até Goiás, no final do século XIX, com o fim de ministrar catequese laica às populações indígenas. Como já anteriormente referido no texto após sua frustrada intenção de retornar à Goiás e continuar sua missão de catequista colocou em prática outro ideal, que de certa maneira já praticava, em se tratando de sua trajetória de mulher só, isto é, organizar e divulgar os ideais feministas com a bandeira de criação de uma partido, que

tivesse como articulação fundamental a luta pela independência da mulher e por consequência a contribuição efetiva do “seu sexo” no trabalho intelectual e político de construção e civilização da pátria. Parece-nos que aqui estão desveladas as pistas de sua individualidade múltipla, que pretende uma identidade singular no interior das redes sociais com as quais se envolveu e foi também envolvida.

Penso que seria adequado ao historiador (e leitor) propor que a autora na prática de produção de si transformou o texto de *Início do Feminismo no Brasil* em um “teatro da memória”. A expressão é entendida aqui como uma metáfora de possibilidades, pois remete à ideia do texto como representação de si e para os outros e, também, significa uma prática cultural em que se cumpre o fim de materializar os registros da memória em uma história individual no interior das suas múltiplas relações sociais.

## Referências

BRESCIANI, Stella. “Identidades inconclusas no Brasil do século XX – fundamentos de um lugar-comum”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Org.). *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001. p. 403-429.

CORRÊA, Mariza. “Os índios do Brasil elegante & a professora Leolinda Daltro”. In: \_\_\_\_\_. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 107-139.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Mulher brasileira bibliografia anotada*. São Paulo: Brasiliense, 1979. vol. 1.

GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-24.

GONTIJO, Rebeca. “História, cultura, política e sociabilidade intelectual”. In: SOIHET, Rachel et al. (Org.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 259-284.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 133-161.

LOURO, Guacira L. “Mulheres na sala de aula”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.

NEVES, Margarida de Souza. “Uma cidade entre dois mundos – o Rio de Janeiro no final do século XIX”. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). *O Brasil Imperial, 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. vol. III. p. 119-153.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 9-26; p. 33-43.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REVEL, Jacques. “A história ao rés-do-chão.” Prefácio. In: LEVI, Giovanni. (Org.). *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.7-37.

ROCHA, Elaine P. *Entre a pena e a espada: a trajetória de Leolinda Daltro (1859-1935) - patriotismo, indigenismo e feminismo*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, 2002.

SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. “O olhar viajante ‘em busca do desconhecido’: a ação mediadora de Leolinda Daltro”. In: *Revista Ágora*. Vitória:, nº 14, p. 1-11, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/2074/1552>. Acesso em: 22 mai. 2012.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. (Org.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

SILVA, Otacílio A. da. *O Ensino Popular no Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1936. vol. 1.

SOIHET, Rachel. “A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz”. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: n. 15, p. 97-117, 2000.

SOUZA, Adriana B. de. “Osório e Caxias: os heróis militares que a república manda guardar”. In: *Varia História*. Belo Horizonte: n. 25, p. 231-251, 2001.

VASCONCELOS, Rita de Cássia A. F. de. *República sim, escravidão não: o republicanismo de José do Patrocínio e sua vivência na República*. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea I), Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, RJ, 2011.

## Notas

---

\* O presente trabalho foi apresentado no XI Encontro Estadual de História – ANPUH-RS, jul. 2012 com modificações para o presente artigo. Bolsista Fundação Pe. Milton Valente do PPG em História da UNISINOS. Agradeço à orientadora Eliane Fleck as sugestões e contribuições para o texto ora apresentado.

<sup>1</sup> GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. pp 9-13.

<sup>2</sup> O sentido de indivíduo moderno usado por GOMES nos permite entender que, embora o ato de escrever sobre a própria vida e a vida dos outros, ou de escrever cartas, seja desde há muito uma prática cultural, o seu significado ganha especificidades com a constituição do individualismo moderno que reivindica para si uma identidade singular no interior do todo social. *Idem, ibidem*, 2004. pp 11-12.

<sup>3</sup> (Parte 1ª). 1918. 20 p. Embora não conste como na atual catalogação das edições o local e a editora, ao final do que equivaleria a um prólogo se lê: Rio, 22 de Agosto de 1918. No que se refere à editora, a anotação em manuscrito: Rua General Camara 387, nos leva a crer que foi na tipografia da Escola Orsina da Fonseca, porque é exatamente o endereço da mesma tipografia que se encontra em seu outro livro *Da catechese dos índios no Brasil*. Notícias e documentos para a História (1896-1911). Rio de Janeiro: Typ. da Escola Orsina da Fonseca, 1920. Até o momento não temos informação se o livro teve outra edição ou sobre o número de exemplares editados.

<sup>4</sup> Utilizamos, até o momento, a referência de CORRÊA, Mariza. “Os índios do Brasil elegante & a professora Leolinda Daltro”. In: \_\_\_\_\_. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, pois nos seus estudos sobre Leolinda divide sua atuação em duas fases: a indigenista e a feminista. As obras de ALVES, in SOIHET, Rachel. “A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz”. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, 2000, nº 15, pp. 97-117; de HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981; e da FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Mulher brasileira bibliografia anotada*. São Paulo: Brasiliense, 1979. vol. 1, são umas das primeiras a revelar Leolinda em sua fase de feminista (e sufragista).

<sup>5</sup> Optamos por preservar a ortografia do documento. Também utilizaremos aspas ‘ ’ nas expressões transcritas do livro como ‘advertencia’, ‘partido organizado’, ‘carta circular’, ‘missão’, dentre outras.

<sup>6</sup> DALTRO, Leolinda. *Início do Feminismo no Brasil*. Subsídios para a História (Parte 1ª). 1918. p. 1.

<sup>7</sup> A disputa presidencial, pela primeira vez na Primeira República, contou com a ampla participação de segmentos da sociedade, especialmente os da classe média tais como professores, jornalistas, funcionalismo público, dentre outros. Embora não seja nosso propósito nessa explanação explorar o teor da campanha presidencial, vale situar o momento em que os setores da classe média confirmaram o desejo de uma participação política mais efetiva no contexto de um regime caracterizado pelo poder hegemônico das tradicionais oligarquias. Consulta na Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br>. Acesso em: 26/04/2012.

<sup>8</sup> DALTRO, Leolinda. *Início do Feminismo no Brasil*. Subsídios para a História (Parte 1ª). 1918. p. 2.

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p.2

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p.2.

<sup>11</sup> Ver mais sobre o método da microanálise em LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992; e REVEL, Jacques. “A história ao rés-do-chão”. Prefácio. In: LEVI, Giovanni. (Org.). *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>12</sup> De acordo com seu neto Othon de Castilho Daltro, o seu segundo marido Apollonio de Castilho Daltro era funcionário da Fazenda da Província da Bahia, na capital Salvador, e foi transferido para o Rio de Janeiro. Razão pela qual Leolinda, possivelmente, o acompanhou com seus filhos para o Rio de Janeiro. Entrevista concedida à pesquisadora, em 17 jun. 2011.

<sup>13</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. pp. 39-40.

<sup>14</sup> DALTRO, Leolinda. *Início do Feminismo no Brasil*. Subsídios para a História (Parte 1ª). 1918. p. 2.

<sup>15</sup> NEVES, Margarida de Souza. “Uma cidade entre dois mundos – o Rio de Janeiro no final do século XIX”. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil Imperial*, v. III: 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, analisa o Rio de Janeiro nas últimas décadas do império brasileiro como uma cidade entre dois mundos: o da *cultura europeia* e o da natureza pujante das Américas. Para isso utiliza as cartas-crônicas do narrador alemão, naturalizado brasileiro, Carl von Koseritz vindo do Sul do país.

<sup>16</sup> SCHUMAHER, Schuma; BRAZI, Érico Vital. (Orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até atualidade* biográfico e ilustrado. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. pp. 106-107; pp. 217-218.

<sup>17</sup> SOIHET, Rachel (2000) refere-se à professora Leolinda Daltro como aquela que primeiro reivindicou o voto de forma organizada, inclusive articulando, em 1917, uma passeata, e acompanhando, dois anos depois, a votação no Congresso de projeto que daria à mulher o direito de voto. Estratégias de pressão política, de acordo com pesquisa realizada pela FCC (1979), que seriam adotadas, posteriormente, pelo movimento feminista. Essa última afirmação também é citada por ALVES (1980), in SOIHET. Ainda o mesmo artigo de SOIHET, que enfatiza a conquista do espaço público pelas mulheres, informa que, somente em 1919, Bertha Lutz com um grupo de companheiras funda a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, a qual deu origem a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

- <sup>18</sup> DALTRO, Leolinda. *Início do Feminismo no Brasil*. Subsídios para a História (Parte1ª). 1918. p. 2.
- <sup>19</sup> BRESCIANI, Stella. “Identidades inconclusas no Brasil do século XX – fundamentos de um lugar-comum”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001, argumenta que no final do século XIX e primeiras décadas do XX, a onda política dos nacionalismos, formada no confronto com a Internacional proletária, e a rivalidade sem tréguas entre os países europeus, aí incluindo os novos avanços colonizadores, dariam estímulo a nova busca da identidade brasileira, mais coerente com as novas instituições republicanas.
- <sup>20</sup> DALTRO, Leolinda. *Início do Feminismo no Brasil*. Subsídios para a História (Parte1ª). 1918. p. 18.
- <sup>21</sup> GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 13.
- <sup>22</sup> DALTRO, Leolinda. *Início do Feminismo no Brasil*. Subsídios para a História (Parte1ª). 1918. p. 3. Leolinda recorre por várias vezes no texto à expressão de exclamação e à utilização de letras maiúsculas, provavelmente com o objetivo de convencer a si e ao leitor da autenticidade da sua escrita, a qual está indissociável da sinceridade e da singularidade do seu autor. A tarefa do historiador não é buscar a verdade dos acontecimentos no documento, mas identificar o ponto de vista do autor, isto é, como ele se expressa, no presente em que registra, em relação ao acontecido. Ver GOMES, Angela de Castro (2004); e GONTIJO, Rebeca (2005).
- <sup>23</sup> FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Mulher brasileira bibliografia anotada*. São Paulo: Brasiliense, 1979. vol. 1. p. 209-215.
- <sup>24</sup> POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, 1992, p. 205.
- <sup>25</sup> De acordo SILVA, Otacílio A. da. *O Ensino Popular no Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1936. vol. 1. p. 44-46, no decreto legislativo n. 38, de 9 de maio de 1893, os membros do magistério primário do 1º grau eram divididos em duas classes: professores catedráticos e professores adjuntos. Os primeiros eram os diretores das escolas dentre os diplomados pela Escola Normal e, os adjuntos eram auxiliares dos catedráticos também diplomados. Consulta na Biblioteca da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, jun. 2011.
- <sup>26</sup> Leolinda solicita à Diretoria Geral de Instrução Pública Municipal contagem do tempo em que serviu gratuitamente como docente de cursos noturnos, no período de 1888 a 1893. Não encontramos outro registro que identificasse o início de sua atuação no magistério, o que não exclui a possibilidade de uma nomeação anterior ao referido período. Consulta no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Escrita, jun. 2011.
- <sup>27</sup> DALTRO, Leolinda. *Início do Feminismo no Brasil*. Subsídios para a História (Parte1ª). 1918. p. 3.
- <sup>28</sup> A escola não é nominada e tampouco a data. Mas dentre os vereadores citados no livro está o abolicionista e jornalista José do Patrocínio, que de acordo com VASCONCELOS, Rita de Cássia A. F. de. *República sim, escravidão não: o republicanismo de José do Patrocínio e sua vivência na República*. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea I), Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, RJ, 2011. p. 98-104, foi eleito em 1886 à Câmara Municipal da Corte do Rio de Janeiro ou Município Neutro, como era designado a capital da Corte.
- <sup>29</sup> Um dos bairros mais antigos do Rio de Janeiro, e que, atualmente, mantém o mesmo topônimo.
- <sup>30</sup> GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 15.
- <sup>31</sup> DALTRO, Leolinda. *Início do Feminismo no Brasil*. Subsídios para a História (Parte1ª). 1918. p. 4.
- <sup>32</sup> Sobre os debates inspirados nas ideias positivistas e cientificistas da identificação da mulher com a atividade docente entre o final do Império e as primeiras décadas da República ver LOURO, Guacira L. *Mulheres na sala de aula*. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- <sup>33</sup> De acordo com os estudos de SOUZA, Adriana B. de. Osório e Caxias: os heróis militares que a república manda guardar. *Varia História*, Belo Horizonte, 2001, nº 25, p. 234-240, o professor Rodolfo Bernardelli foi o estatuário responsável pelos monumentos equestres de Osório e duque de Caxias, dois heróis da Guerra do Paraguai, reinventados pela República. O monumento a Osório foi inaugurado em 12 de novembro de 1894, noticiava *O Paiz*, acompanhado por uma “marcha cívica” que incluía alunos das escolas públicas e particulares, que dentre outros segmentos da população se aglomeravam na Praça XV de Novembro, no atual centro histórico do Rio de Janeiro.
- <sup>34</sup> In: DALTRO, Leolinda. *Início do Feminismo no Brasil*. Subsídios para a História (Parte1ª). 1918. p. 7.
- <sup>35</sup> Sobre a ação mediadora de Leolinda Daltro, consultar SANTOS, Paulete Maria Cunha dos. “O olhar viajante ‘em busca do desconhecido’: a ação mediadora de Leolinda Daltro”. *Revista Ágora*, Vitória, 2011, nº 14, pp. 1-11.



<sup>36</sup> GONTIJO, Rebeca. “História, cultura, política e sociabilidade intelectual”. In: SOIHET, Rachel et al. (Org.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 265.

<sup>37</sup> In: DALTRO, Leolinda. *Início do Feminismo no Brasil*. Subsídios para a História (Parte1<sup>a</sup>). 1918. p. 16.

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*, p. 18.

<sup>39</sup> Cabe destacar que Leolinda contava com o apoio de Orsina da Fonseca, primeira esposa de Hermes da Fonseca, para seu programa de emancipação social feminina.

<sup>40</sup> Vale enfatizar que a Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), desde 2004, concede o diploma Mulher-Cidadã Leolinda de Figueiredo Dal- tro àquelas que tenham contribuído na Defesa dos Direitos da Mulher e nas questões de gênero.